

O micro vai à escola

Celso Niskier *

Muito se fala sobre a necessidade de informatizar nossas escolas. Neste momento, em que se discute a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nossos educadores devem reconhecer a importância do microcomputador como um poderoso instrumento de ensino e de apoio aos professores. Se é certo que, em países desenvolvidos como os Estados Unidos, cerca de 48% da população entre 9 e 17 anos tem contato direto com o microcomputador, em casa ou na escola, como incorporar esta novidade tecnológica em nosso sistema educacional, tão combatido e carente de recursos?

É importante que se entenda que o computador pode ser utilizado no ensino de diversas formas. Os sistemas tutoriais, mais simples, apresentam textos para os alunos, que respondem a perguntas formuladas previamente pelo computador. Já os programas de simulação estimulam uma maior participação, através da realização de experimentos que imitam a realidade.

Vejamos a experiência de alguns países na implantação da informática no ensino. Na Grã-Bretanha, os últimos governos conservadores têm atuado como estimuladores do processo de financiamento, tendo subsidiado recentemente a compra de mais de 200 mil microcomputadores para a rede escolar. Em Israel, o governo vem desenvolvendo amplos programas para a instalação de computadores nas escolas públicas. Fontes oficiais participaram, juntamente com a iniciativa privada, no desenvolvimento de uma configuração típica para escolas, que inclui uma rede de 32 terminais especialmente projetados, interligados em um minicomputador controlado pelo professor. Esta "sala de aula do futuro" vem sendo exportada para outros países, como a África do Sul e a Venezuela. Já a experiência americana apresenta particularidades inerentes à descentralização do

ensino naquele país. Assiste-se ao surgimento de grandes "editoras" de *software* educacional, voltadas para o imenso mercado que se criou.

No Brasil, muito se discute mas pouco se investe em informática no ensino. Ainda estamos na fase acadêmica, onde as poucas experiências práticas se restringem ao ambiente universitário, como o Projeto Educom. Algumas escolas, corajosamente, têm montado, com seus próprios recursos, laboratórios de ensino pelo computador. Não há, no entanto, uma política governamental de estímulo ao uso desta nova tecnologia educacional.

No Rio de Janeiro, a Faculdade Carioca de Informática vem utilizando a informática como um instrumento de auxílio ao ensino de língua portuguesa, particularmente de ortografia, através de um *software* especialmente desenvolvido pelo professor Sérgio Nogueira, com apoio da Finep e da ABL. Os alunos da faculdade, em uma de suas primeiras aulas de Língua Portuguesa, dirigem-se ao laboratório de microinformática, onde fazem uma lição completa acompanhados pelo computador, que corrige as principais deficiências encontradas. A experiência tem sido válida, demonstrando a tese de que temos condições de dominarmos com sucesso esta nova tecnologia educacional.

Não se deve ter medo de introduzir o computador em nossas escolas, nem tampouco receio de que seja este um luxo desnecessário. Se por outro lado possuímos deficiências graves em nosso sistema educacional, por outro temos a obrigação de superá-las usando o que há de mais avançado em termos de tecnologias educacionais. Os computadores são uma realidade. Se fecharmos as portas agora, corremos o risco de recebermos a visita, pela porta dos fundos, de um saber importado, inadequado às nossas necessidades educacionais.